

**CRÍTICA TEXTUAL E FONTES PRIMÁRIAS:
REFLEXÕES SOBRE A REALIZAÇÃO DE UMA EDIÇÃO CRÍTICA DE
PAPÉIS AVULSOS DE MACHADO DE ASSIS**

Ceila Maria Ferreira (Labec-UFF)¹

Resumo: Neste trabalho, iremos tecer algumas considerações sobre a edição crítica que estamos realizando no Laboratório de Ecdótica da UFF, Labec-UFF, da coletânea de contos intitulada **Papéis Avulsos**, obra da lavra de Machado de Assis e publicada pela primeira vez em formato livro no ano de 1882. Tal edição está sendo realizada em colaboração com alunos e ex-alunos da Graduação e da Pós-Graduação da UFF e conta, no momento, com uma bolsa PIBIC-UFF e duas bolsas PROAES-UFF. Falaremos também sobre problemas de edição, além de marcas do trabalho autoral em exemplos retirados da história de sua transmissão da referida obra.

Palavras-chave: Crítica Textual; Edição Crítica; Literatura; Periódicos; Machado de Assis.

Estamos, no Laboratório de Ecdótica da Universidade Federal Fluminense (Labec-UFF), com a colaboração de discentes e ex-discentes da UFF, preparando uma edição crítica da coletânea de contos intitulada **Papéis Avulsos**, coletânea essa da lavra de Machado de Assis.

Papéis Avulsos teve uma primeira e única edição em vida de seu autor no ano de 1882 e é uma das mais importantes publicações de contos daquele que é um dos maiores escritores da língua portuguesa. A edição saída em 1882 é formada pela reunião de doze contos anteriormente publicados em periódicos pelo próprio Machado de Assis, além de contar com uma Advertência e com Notas escritas por eles.

Os contos que formam **Papéis Avulsos** são: “O Alienista”, “Teoria do Medalhão”, “A Chinela Turca”, “Na Arca”, “D. Benedicta”, “O Segredo do Bonzo”, “O Anel de Polícrates”, “O Empréstimo”, “A Sereníssima República”, “O Espelho”, “Uma Visita de Alcibíades” e “Verba Testamentária”.

Como já dissemos, todos os doze contos foram publicados em periódicos antes de serem reunidos na referida coletânea. Contudo, apresentam diferenças ou variantes em relação à redação que consta no formato em livro.

Uma edição crítica que tem como base a teoria e a metodologia da Crítica Textual Moderna é uma publicação que dialoga com o estudo da história da transmissão

¹ Professora de Crítica Textual da Universidade Federal Fluminense. Escritora com, até o momento, um E-mails: ceilamaria@hotmail.com labec@vm.uff.br

da obra que edita e tem como objetivos levar aos leitores e às leitoras um texto que seja uma representação do que o autor ou a autora da obra escreveu e considerou como versão final, além de levar também a público marcas/informações acerca do processo de transmissão e, se possível, de criação da obra editada em suas páginas.

Sobre a Crítica Textual Moderna, podemos dizer que ela trabalha com originais autorais e, por conta disso, com arquivos e fontes primárias. Além disso, estuda a materialidade dos textos, as etapas do processo de sua construção e de sua gênese, assim como pesquisa a respeito de sua recepção e aproxima a obra, por meio de interpretações e de comentários, aos leitores e às leitoras de hoje. E quando fazemos menção à existência da necessidade de aproximarmos as obras de um passado recente ou longínquo dos leitores e das leitoras de hoje, nos vêm em mente o seguinte trecho de **A lição do texto** da filóloga italiana Luciana Stegagno Picchio: “[...] o problema do filólogo é exactamente esse: como vencer o ruído do tempo?” (PICCHIO, 1979, p. 214). Ou seja, além de a necessidade de fazermos uma espécie de restauração de textos no sentido de sua dimensão material, devemos também fazer um trabalho de pesquisa em relação às palavras que tiveram seus sentidos alterados com o passar do tempo e com as mudanças de mentalidades, sem nos esquecer de usos linguísticos que foram sendo esquecidos e substituídos por outros, além de expressões, nomes de lugares etc que foram modificados e espelham também modificações que a língua e mesmo o fazer literário sofreram e sofrem ao longo da história.

Acerca da transmissão da obra de Machado de Assis, após a morte do autor ocorrida no ano de 1908, seus textos passaram por numerosas modificações em edições que não seguiam integralmente a última publicada em vida daquele que mais tarde recebeu a alcunha de Bruxo do Cosme Velho.

Foram tantas as alterações no texto machadiano que houve a necessidade de se criar uma Comissão para editar criticamente a obra de Machado de Assis. Seu nome: Comissão Machado de Assis. Ela foi instituída pela portaria número 483 de 19 de setembro do Ministério de Educação e Cultura do governo JK, em 1958. Tinha por finalidade “elaborar o texto definitivo das Obras de Machado de Assis” (COMISSÃO, 1977, p. 5). Porém, a prestigiosa Comissão não chegou a publicar criticamente **Papéis Avulsos** nem **Páginas Recolhidas** nem as obras póstumas recolhidas principalmente por Raimundo Magalhães Júnior e Mário de Alencar, conforme consta na página 6 da obra de que acima citamos um pequeno trecho. A título de exemplo, citamos aqui e apresentamos as capas das edições críticas de **Memórias Póstumas de Brás Cubas** e

de **Memorial de Aires**, ambas da saudosa Comissão Machado de Assis. Todas elas, na edição publicada nos anos 70 do século XX pela Civilização Brasileira e pelo Instituto Nacional do Livro, contam com um texto sobre a Comissão, um Prefácio, uma Cronologia Bibliográfica de Machado de Assis, uma Bibliografia ativa e passiva da obra de Machado de Assis, uma Introdução crítico-filológica em que são explicitados em pormenores as opções editoriais da Comissão, seguida pelo texto crítico estabelecido pelos responsáveis pela preparação ou estabelecimento do texto da obra que foi editada.²



O fato de **Papéis Avulsos** não ter sido editado pela Comissão Machado de Assis foi um dos motivos que nos levou a escrever um projeto de edição crítica dessa importante obra machadiana, mas não foi o único.

A transmissão de **Papéis Avulsos** é marcada por problemas de edição, por ruídos que interferem na divulgação e na preservação da palavra escrita e trabalhada por Machado de Assis. Além disso, **Papéis Avulsos** é uma obra bastante atual e tal atualidade é potencializada pela situação temerosa por que passa o nosso país. Só para citar um exemplo dessa atualidade, o estudioso inglês John Gledson diz, na Introdução a uma edição de **Papéis Avulsos** saída pela Penguin/Companhia das Letras, publicada em 2011 que “[...] o assunto meio escondido da coletânea é o Brasil – porém, um Brasil visto indiretamente, às avessas, com ironia, através de excursões no tempo e no espaço [...]” e conforme muito bem lembrou o hoje bolsista PIBIC-UFF do Projeto de Edição

² A foto das edições foi tirada por aquela que escreve estas linhas. Tais exemplares fazem parte do “acervo do Laboratório de Ecdótica da UFF, o Labec-UFF.

Crítica de **Papéis Avulsos**: segunda parte dos trabalhos de edição, Édipo Ferreira, há até mesmo um golpe em “O Alienista”, o primeiro dos doze contos presentes naquela obra.

A edição crítica que estamos preparando tem como modelo ou texto-base o texto da edição de 1882 com a grafia atualizada conforme o novo acordo ortográfico que vigora hoje. Nossa edição terá também uma introdução crítico-filológica; um aparato crítico de variantes encontradas no cotejo do texto crítico (no caso, o texto-base, o da edição de 1882 de **Papéis Avulsos**, com a grafia atualizada) com as seguintes edições: as versões, presentes em periódicos publicados ainda em vida de Machado e anteriores à publicação de 1882, dos doze contos que formam **Papéis Avulsos**; a edição publicada pela Garnier, provavelmente em 1920 e a edição publicada em 1937 pela Jackson. Tais edições apresentam muitas alterações em relação ao texto publicado em 1882. Contudo, antes de falarmos de uma dessas alterações, voltemos à relação de capítulos que irão compor a edição crítica de **Papéis Avulsos**. Pois bem, entre tais capítulos, estarão ainda o aparato de comentários exegéticos ou explicativos, o de atualizações de grafias (relação das mudanças de grafia da edição de 1882 para a publicada pelo Labec-UFF), os índices, a bibliografia e os anexos. Entre os anexos, estarão reproduções de algumas páginas de periódicos em que foram publicados os contos de **Papéis Avulsos**, dentre eles destacamos **A Estação**: Jornal Ilustrado para a Família, também publicado pela Lombaerts & Cia. E para fazermos a reprodução de tais páginas, na edição crítica, teremos que pedir autorização à Biblioteca Nacional (RJ), pois tal periódico faz parte do acervo daquela instituição e se encontra no Setor de Obras Raras, como também pode ser consultado via Internet³. Da edição de **Papéis Avulsos** de 1882, publicada pela Lombaerts & Cia, também estamos consultando uma cópia digitalizada de um exemplar pertencente ao acervo da referida Biblioteca Nacional. Contudo, para as dúvidas de leitura, vamos solicitar o exame do exemplar que faz parte do acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional em presença. Da edição de provavelmente 1920, há um exemplar no acervo do Laboratório de Ecdótica da UFF, o Labec-UFF, cujo endereço é a sala 410-b1 do Instituto de Letras da UFF. Campus Gragoatá. Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n. São Domingos, Niterói-RJ. CEP 24210-200. Da edição de 1937, consultamos uma cópia digitalizada do exemplar que compõe o acervo da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da Academia Brasileira de Letras. Vale informar que a Introdução crítico-filológica da nossa edição será composta de uma parte

³ A grafia do título de **A Estação** foi mantida conforme o original.

inicial geral e uma segunda parte dividida os doze contos que fazem parte de **Papéis Avulsos**.

Dentre os documentos que pretendemos reproduzir na edição crítica estará o da página 49 de **A Estação** publicada em 13 de março de 1882:



Na página que acima reproduzimos, há gravuras que se referem à Tunísia. Contudo, não sabemos se Machado de Assis tinha alguma ingerência em relação às figuras que acompanham os textos que publicou em **A Estação**. Porém, em “O Alienista”, há referências a árabes e ao Corão. Para nós, tais referências a árabes e ao Corão podem ser um exercício de registro e de manutenção da memória daqueles que chegaram em situação de escravidão ao Brasil e que eram muçulmanos. É uma hipótese que estamos examinando e que recentemente ganhou um pouco mais de consistência com a divulgação de uma foto de Marc Ferrez em que aparecem pessoas que desembarcaram no Rio de Janeiro em situação de escravidão. No grupo de pessoas, estava um grupo de homens vestidos como muçulmanos.

Em relação às diferenças que encontramos na comparação entre o texto de “O Alienista” publicado em **A Estação** para o publicado em formato livro, todos eles publicados em vida de Machado de Assis, está a retirada de alguns trechos, por exemplo, o do trecho final que aparece na publicação das páginas de **A Estação**. Tais mudanças contribuem para o crescimento da ambiguidade e da dúvida na narrativa machadiana, assim como retiram do texto do conto referência explícita e literal a uma

data – o ano de 1817, por exemplo. Em tal data se deu a Revolução Pernambucana, também chamada de Revolução dos Padres.

Segundo a Wikipédia, na entrada sobre a referida revolução:

Foi o único movimento separatista do [período colonial](#) que ultrapassou a fase conspiratória e atingiu o processo revolucionário de tomada do poder.

Contou com relativo apoio internacional: os [Estados Unidos](#), que dois anos antes tinham instalado no [Recife](#) o seu primeiro Consulado no Brasil e no [Hemisfério Sul](#) devido às relações comerciais com Pernambuco, se mostraram favoráveis à revolução, bem como os ex-oficiais de [Napoleão Bonaparte](#) que pretendiam resgatar o seu líder do cativo em [Santa Helena](#), levá-lo a Pernambuco e depois a [Nova Orleans](#).

Tal referência a Napoleão é bastante curiosa, mais curiosa ainda quando lembramos que o nome do famoso médico de Itaguaí tem uma sonoridade que se aproxima a do também famoso general francês: Simão Bacamarte/Napoleão Bacamarte. Além disso, o tema da loucura também está muito ligado ao nome Napoleão, inclusive em uma outra obra do próprio Machado de Assis, **Quincas Borba**.

Também há referências, embora não inteiramente diretas, à América Latina, a América Latina que dia a dia é apartada de nós, por exemplo, por parte expressiva da mídia que reputa o termo “americano” apenas aos nascidos nos Estados Unidos da América. Sim. Nossa latinoamericanidade é dia a dia roubada e, no texto de Machado de Assis, ela está muito provavelmente presente, por exemplo, na referência às Hespanhas, logo no início do conto (ASSIS, 1882, p.1) e está efetivamente presente na citação literal a Santiago do Chile, que não consta do texto publicado em livro, também em 1882, mas alguns meses depois do de **A Estação**.

Das alterações que foram realizadas após a morte de Machado de Assis, neste trabalho, destacamos a troca de louros por ouros na edição de 1937 publicada pela W. M. Jackson Inc.

Na edição de 1882 de **Papéis Avulsos**, na página 3, podemos ler: “louros immarcessíveis” como podemos verificar na cópia que reproduzimos a seguir:

SUBIAS AS UNIVERSIDADES ITALIANAS E ALEMãs, E ACORDOU por aconselhar á mulher um regimen alimenticio especial. A illustre dama, nutrida exclusivamente com a bella carne de porco de Itaguahy, não attendeu ás admoestações do esposo; e á sua resistencia, — explicavel, mas inqualificavel, — devemos a total extincção da dynastia dos Bacamartes.

Mas a sciencia tem o ineffavel dom de curar todas as magoas; o nosso medico mergulhou inteiramente no estudo e na pratica da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a attenção, — o recanto psychico, o exame da pathologia cerebral. Não havia na colonia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante materia, mal explorada, ou quasi inexplorada. Simão Bacamarte comprehendeu que a sciencia lusitana, e particularmente a brazileira, podia cobrir-se de « louros immareciveis, » — expressão usada por elle mesmo, mas em um arroubo de intimidade domestica; exteriormente era modesto, segundo con-

Na edição de 1937, na página 11, há a alteração de “louros” para “ouros”:



Sobre imarcescíveis, podemos verificar, no **Dicionário Moraes Silva**, digitalizado na página do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, o seguinte significado entre outros:

immarcessíveis: “[...] Que não pode murchar [...]” (In: MORAES SILVA: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=68684&Setor_Codigo=11). Acesso em 20/08/2016.

Os louros têm a possibilidade de murchar, mas não os imarcescíveis. Já os ouros, somente num sentido em que não é o empregado no texto machadiano e não foi a palavra ouro a que o autor escreveu.

Em nossa edição crítica de **Papéis Avulsos** vamos restabelecer o texto autoral e não vamos, no texto crítico, encontrar ouro no lugar de louro.

Sabemos que a Crítica Textual trabalha com a materialidade dos textos e tal estudo da materialidade é essencial para o estudo da literatura e das línguas. Os sentidos estão intimamente relacionados à materialidade dos textos como muito bem lembraram Rosa Borges e Arivaldo Sacramento Souza na página 56 de *Filologia e Edição de Textos*.

Como podemos perceber, a Crítica Textual é fundamental aos estudos de literatura, mas sabemos que são poucas as universidades brasileiras que têm a Crítica Textual como disciplina obrigatória. Contudo:

Ela resiste!

Nós resistimos!

A UERJ resiste!

Fora Temer!

Fora Pezão!

Referências Bibliográficas:

ASSIS, José Maria Machado de. ----- . O Alienista. In: *A Estação*. Jornal Ilustrado Para A Família. Rio de Janeiro, XI^o Anno, n.5, p. 49-50, 15 mar 1882.

----- . **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882.

----- . **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.

-----. **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Jackson, 1937.

BORGES, Rosa/SOUZA, Arivaldo Sacramento. Filologia e Edição de Textos. In: BORGES, Rosa/SOUZA, Arivaldo Sacramento de/ MATOS, Eduardo Silva Dantas de/ALMEIDA, Isabela Santos de. **Edição de Textos e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012, p. 54.

COMISSÃO Machado de Assis. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Edições Críticas de Obras de Machado de Assis. 2 ed. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1977.

-----. **Memorial de Aires**. Edições Críticas das Obras de Machado de Assis. 2 ed. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1975.

MORAES SILVA. In: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=68684&Setor_Codigo=11>. Acesso em 20/08/2016.

PICCHIO. Luciana Stegagno. O método filológico (Comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários). In: ---. A Lição do Texto: Filologia e Literatura I- Idade Média. Lisboa, Edições 70, 1979, p, 214.

WIKIPEDIA. Revolução Pernambucana. https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Pernambucana Acesso em 29/09/2017.

